



LITERATURA E CINEMA EM CONTEXTOS DITATORIAIS: REMEMORAÇÃO E REPRESENTAÇÃO EM *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*

PEREIRA, Alécio Jr.¹; CUNHA, João Manuel dos Santos²

¹Acadêmico do Curso de Letras – Português da UFPel; integrante do Grupo de Pesquisa “Literatura e cinema: transferências e interferências textuais (código COCEPE: 8.02.10.011)”, coordenado pelo Prof. Dr. João Manuel dos Santos Cunha; alerciojr@yahoo.com.br

²Doutor em Letras. Professor de Literatura na Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, UFPel. profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido dá conta de conclusões parciais de projeto de pesquisa em andamento, cujo objetivo é analisar a tradução intersemiótica (*Memórias do cárcere* [1980] 1984), levada a termo pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos para o livro homônimo de Graciliano Ramos ([1936], [1947], 1953). A aproximação entre as duas obras, por meio de leitura comparada, visa a determinar a natureza formal e o alcance social dos dois textos, considerando o contexto histórico e cultural em que ambos foram gestados: o livro, na ditadura getulista do Estado Novo, e o filme, durante os últimos anos do regime civil-militar pós golpe de 1964.

Em 1936, o escritor Graciliano Ramos é levado de sua casa pela Polícia Militar do Estado de Alagoas e transferido como preso político para o Rio de Janeiro, passando por diversas carceragens e presídios, inclusive o da Ilha Grande, durante mais de um ano, sem que haja explicações, acusações formais, processo ou julgamento. Como decorrência desses fatos, Graciliano, rememorando os fatos pelos quais passou e que presenciou, escreve, dez anos depois, em 1947, as suas “memórias da cadeia”, que só virão à luz em livro, ainda que incompletas, postumamente, em 1953. A obra tem por título *Memórias do cárcere*. Inserido na tradição da literatura memorialista, o texto relata os meses de reclusão de Graciliano Ramos nas prisões do Estado Novo. Distanciado no tempo e no espaço, o narrador literário, em primeira pessoa, ainda que implicado como testemunha do vivido, não propõe visão heróica dos fatos que narra, nem comemora os feitos que viveram ele e seus companheiros de repressão nas diversas celas e cubículos da ditadura getulista. O que faz é recuperar pela palavra escrita aquilo que a memória reteve dos acontecimentos, para que estes não se percam na memória coletiva, não sejam esquecidos. E, assim, Graciliano, patenteando outras figuras – os homens, presos políticos ou presos comuns, com quem conviveu nos cárceres por que passou –, ilumina-as no presente de sua narrativa, colocando-se, deliberadamente, apenas como mais uma das vítimas do sistema repressor, injusto e arbitrário daqueles tempos de autoritarismo. Não se trata, para o autor-narrador, de *comemorar* os fatos de forma heróica, mas de *rememorar*, com o intuito não de postular uma verdade única sobre o passado, mas sim, a *sua* verdade, como diz no

primeiro capítulo de sua narrativa: “Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade.” (RAMOS, 2008: 15).

Em 1984, Nelson Pereira dos Santos lança o filme *Memórias do Cárcere*, “inspirado” (como se informa no *incipit* fílmico) no testemunho literário de Graciliano Ramos. O filme vinha sendo planejado desde o final dos anos sessenta, passando por diversos tratamentos de roteiro, mas só pôde ser produzido a partir do início dos anos oitenta, quando, em virtude da abertura política promovida pelo governo do último ditador general, já há clima político no país para a produção de obras ideologicamente comprometidas com a defesa das liberdades individuais e contra o arbítrio. O texto fílmico de Nelson fala sobre a situação política e social do Estado Novo para, analogamente, falar das circunstâncias ainda difíceis que vive o país recém saído da ditadura, através de recursos alegóricos e da tradução do literário para o cinematográfico, que acaba por adquirir, também, uma carga de inserção contextual. Considerando-se que “a rememoração [é] um processo realizado no presente com base em dados passados” (UMBACH, 2007: 5), tanto Graciliano Ramos quanto Nelson Pereira dos Santos produzem obras que rememoram contextos históricos ditatoriais, cada um em seu *determinado* presente, que não corresponde aos períodos no quais se articulam o texto literário de Ramos e o texto fílmico de Santos. Então, mesmo que o cineasta estruture sua narrativa antes da queda da ditadura militar, já não mais se trata, como afirma CUNHA, do contexto dos “anos de chumbo” da ditadura civil-militar pós-golpe de 1964, mas de um “momento de distensão política e de abertura ‘lenta, gradual e progressiva’”, o qual é responsável por uma produção artística que

vai tentar dar conta do vivido pelo veio da presentificação da memória dos recentemente ultrapassados anos de autoritarismo. Nesse impulso pelo qual se buscou recuperar e avaliar o passado recente, é como se os personagens da ficção literária e fílmica, produzida nos últimos dez anos, viessem à cena para cumprir o dever da memória por meio de textos autobiográficos, depoimentos e testemunhos que ganham a dimensão de documento desentranhado dos arquivos do indizível (CUNHA, 2008: 6).

Dessa forma, Nelson Pereira dos Santos faz a leitura de uma ditadura recente por meio do viés memorialista de uma outra ditadura, recuperada pelas *memórias* de Graciliano Ramos, presentificando um outro passado, mais próximo ao presente da narrativa imagética, que é recuperado pelas imagens do narrador fílmico, dando nova dimensão e dicção para elas.

A hipótese, então, é a de que, transcriando em imagens o texto do escritor, o cineasta fala – no tempo narrativo presente –, de um passado de autoritarismo que, recuperado pela representação imagética, em contexto histórico diverso, opera a rememoração de um outro passado mais recente, o do tempo de arbítrio da ditadura dos militares. Dessa forma, e essa também é uma premissa para a investigação, Nelson Pereira dos Santos estaria laborando em amplo contexto de reflexão sobre a natureza da violência, do arbítrio, da tortura e da repressão ideológica, circunscrito ao entrecruzamento das duas obras narrativas, mas com alcance e significado que transcendem ao momento histórico em que ambas as narrativas foram gestadas.

2. METODOLOGIA

Investigar a forma como o cineasta elaborou em imagens a rememoração literária –

contextualizando os fatos narrados verbalmente em outro tempo e em outro contexto –, pela leitura crítica do imaginário memorialista do escritor no presente histórico mesmo em que filma as *Memórias do cárcere* de Graciliano, é o que propõe o projeto de pesquisa. É a partir da leitura crítica de ambos os textos, lidos em seus contextos históricos, para, posteriormente, compará-los entre si, contextualizando o sentido das lembranças levadas a efeito pelos narradores literário e fílmico, mas considerando o contexto do tempo presente em que as leio conjuntamente, que se funda a metodologia analítica. Tendo por base a teoria da transcontextualização de Gérard Genette, buscarei analisar como hipotexto (livro) e hipertexto (filme) se relacionam e como se formaliza a tradução intersemiótica de um sistema de signos a outro. Na sequência, pretendo analisar, em um primeiro momento, o texto literário *Memórias do Cárcere*, através da leitura crítica de seus aspectos formais. A análise resultará em artigo no qual serão discutidos fatores teóricos importantes para a compreensão da narrativa, a partir do viés dos conceitos de *lembrança* e *comemoração* (UMBACH, 2008, 2009; SELIGMAN-SILVA, 2002; GAGNEBIN, 2006) e da aplicação de pressupostos analíticos de teorias da Nova História, pontuando questões intratextuais, tais como a arquitetura textual, a problemática da relação texto testemunhal – texto memorialista, como, também, questões extratextuais correlatas, como a relação contexto-texto.

Após análise detalhada do texto literário, partirei para a leitura crítica do texto fílmico de Nelson Pereira dos Santos. Nessa etapa, será fundamental a análise formal do filme, pelo estabelecimento de sua natureza formal através da decupagem de todas as sequências. Instrumental metodológico para essa operação será fornecido pela teoria da narratologia fílmica (Marcel Martin, 1990). Dessa operação resultará leitura crítica do filme, determinada, em síntese, pela relativização dos lugares dos discursos tanto do narrador fílmico, como do literário e do investigador, ocupado com as duas obras no tempo presente da própria análise comparada. Essa fase da pesquisa será também detalhada em artigo a ser produzido e divulgado durante a realização do projeto.

Dessa forma, dissecados formal e conteudisticamente livro e filme, tendo-se já alicerçado base textual e estratégia formal para a leitura comparada de ambos os textos, procurarei caminhar na direção da aproximação dos sentidos das obras, não só vistas separadamente, em suas especificidades estéticas, mas buscando fixar a reflexão no problema da produção de sentido do ponto de vista de um leitor que lê as duas obras em situação de entrecruzamento, como se constituíssem um só conjunto de textos entrelaçados.

Por fim, será produzido um terceiro artigo, que dará conta, a partir das conclusões parciais anteriores, do sentido da leitura comparada do conjunto livro-filme, hipotexto-hipertexto, suas trocas e interações, transferências e interferências. Discutidas as questões técnicas e consolidadas as conclusões parciais, deverei chegar, na etapa final, à confirmação do pressuposto analítico: a tradução fílmica, ao mesmo tempo em que transforma e renova seu próprio hipotexto, ratifica a permanência das questões trabalhadas pelo texto primeiro, alcançando, como ele, o universal ao tratar do particular, visando à humanidade ao falar do indivíduo; consolidando-se a importância de ambas as obras como instrumentos de *lembrança* de períodos de autoritarismo e cerceamento das liberdades individuais, como documentos que servem como *monumento*, sem, no entanto, constituírem-se como atos de *comemoração*.

3. DISCUSSÃO

Espero, ao final da discussão encetada pela investigação, ter contribuído para o avanço dos estudos comparados na área de literatura e cinema, com ênfase em questões relativas à representação estética de fatos históricos em contexto de autoritarismo, bem como ao problema da recuperação da memória do vivido por meio de narrativas ficcionais literárias e fílmicas.

4. CONCLUSÃO

O estudo comparativo entre as duas narrativas resultará em leituras críticas dos dois objetos estéticos, vistos em suas especificidades formais e de conteúdo, bem como de leitura resultante da análise dos dois textos em um único conjunto de textualidades, ainda que se considere a natureza autônoma de seus respectivos códigos estéticos.

Essas leituras serão de importância para a reflexão tanto sobre a natureza de textos narrativos formatados em linguagens estéticas autônomas, como sobre sua situação no contexto cultural, social e histórico, como objetos localizados em contextos autoritários específicos, colaborando para que eventos gerados em situação de restrição às liberdades individuais não sejam esquecidos, não se percam na periodização histórica. Constituir-se-á, então, esta investigação, como forma de recuperar, pela reflexão analítica no contexto dos estudos comparados em literatura, a experiência narrada do *eu*, bem como meio de contribuir com o esforço intelectual coletivo de, restaurando a memória individual, transformar essa história pessoal em história coletiva, pela leitura produtiva de sentido, atribuindo-lhe necessário e importante papel para a construção e constituição de História.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FILMOGRÁFICA

CUNHA, João Manuel dos Santos. Um homem é isto: tempo, memória e representação. In: *Anais da VI Jornada de Literatura e Autoritarismo e do II Simpósio Memórias da Repressão*. Santa Maria, RS: PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras e Grupo de Pesquisa “Literatura e autoritarismo”, EDUFMS, 2008. (no prelo).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho; O que significa elaborar o passado?. In: *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos do francês por Luciane Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/palimpsestosmono-site.pdf>>.

Acesso em: 10 de maio de 2009.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PEREIRA DOS SANTOS, Nelson. *Memórias do cárcere*. Brasil, ([1983] 2008). 180'. color. Produção: Raimundo Higino; Regina Filmes. Distribuição: Rio Filmes. Cópia em DVD, restaurado pela Labo Cine, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SELIGMAN-SILVA, M. (Org.). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006.

UMBACH, Rosani. Memórias da repressão e literatura: algumas questões teóricas.

In: UMBACH, R. (Org.). *Memórias da repressão*. Santa Maria: UFSM, PPGL Editores, 2008. p. 11-22.

UMBACH, Rosani. *Violência e repressão: memórias autobiográficas, ficção e história*. Disponível em <<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/54/274.pdf>>.

Acesso em: 10 de maio de 2009.